Na sala de visitas do Hotel Polana, uma mulher já adulta, mas ainda com a fisionomia de uma adolescente e rosto aberto, vem ao nosso encontro. Desde que conheço Bertina Lopes raras vezes a tenho visto em atitude sossegada. Durante as duas horas e meia que durou a nossa entrevista, numa luminosa manhã de Julho, ela não esteve quieta um só momento, sublinhando cada frase com a voz, a cabeça e o corpo, colocando as mãos sobre o meu bloco de apontamentos, remexendo-se continuamente na cadeira. Ocasionalmente, alertada pelo gravador, fixa os olhos grandes num ponto distante, meditando nas respostas.

Quando se tem à frente uma pessoa expansiva, que fala quase ininterruptamente saltitando sempre de um assunto para outro («Sou indisciplinada, não sei falar de outra maneira», confessa) é difícil fazer uma entrevista formal, obedecer rigidamente a um questionário cuidadosamente elaborado. E, não posso deixar de surpreender-me com o que ouvi e conheço de Bertina Lopes. Nada disto deixa transparecer a grandeza da artista de fama internacional. Causa

GENTE DA TERRA

Sinto nostalgia da minha terra

• **Bertina Lopes à «TEMPO»**

Entrevista conduzida por
Arlindo Lopes
Fotos:
Naíta Ussene

Foto: NAITA USSENE

admiração porque ela é já uma pintora cujos quadros estão expostos em museus e galerias de diversas partes do mundo, sem falar na Itália, país onde reside dedicando-se exclusivamente à pintura.

Dentro de uma aparente explosão de mulher exuberante e quase demasiado projectada para fora, esconde-se uma artista inconformada. Esta informalidade de maneiras oculta uma agressividade eficaz e uma coerência exemplar. Vejam-se, por exemplo, os seus quadros «Olhos brancos de farinha de milho», **retratando uma criança esquelética, com um ventre desmesurado, ou** «As flores do algodão», **com o comércio deste produto como tema, ambos constituíndo, em 1954, uma forte denúncia respectivamente das condições de subalimentação e miséria e de exploração a que o colonialismo português submeteu longamente o Povo moçambicano.**

Ela soube fazer da pintura uma arma para chicotear as pessoas que não gostam de ver os povos falar de si próprios, sobretudo quando falam em libertação. **diz o pintor Malangatana que, ainda muito jovem, conheceu Bertina Lopes, no início da década de 50. Mais tarde, na Europa, para onde foi em 1963, ela continua a pintar seriamente, levando avante o seu discurso desesperado e tormentoso contra a injustiça, a fome, inspirando-se no seu povo.**

O facto de se apoderar das grandes expressões europeias — **escreveu em 1972, o crítico italiano Marcello Venturoli** — significa para ela, como para todos os artistas que vêm de longe com a Pátria no coração encontrar-se intacta, transmitir a sua diversidade a um mundo de seres iguais: como se tivesse chegado do Sul uma nossa parente comunicativa, que sente e ama, ri e se desespera, tal como nós; para quem o seu feitio alegre e vivo pudesse constituir um benefício para a sua energia e imaginação.

Há um tom de profunda franqueza e convicção nas palavras de Bertina Lopes, em português fluente, embora salpicado, aqui e ali, com vocábulos em italiano. As respostas fluem ininterruptamente, preenchendo a minha curiosidade como quem pinta um quadro, com a qualidade que lhe é própria.

«Grito grande», quadro completado em 1975 e dedicado à Independência de Moçambique

TEMPO — **A Bertina Lopes é já uma pintora conhecida internacionalmente, mas creio que há gente, no seu próprio País, que nunca ouviu o seu nome. Quem é você, afinal?**

BERTINA LOPES — Eu nasci em Maputo, filha de mãe moçambicana e pai português. Estudei no liceu então chamado «Salazar» até ao 3.º Ano e, com a idade de 14 anos, fui para um colégio internato, em Lisboa. Sabe que no meu tempo não se podia fazer nenhum curso superior em Moçambique, pois aqui não havia Universidade. E, para quem concluísse o 7.º Ano (e, infelizmente era uma minoria), só havia duas alternativas: Para nós, moçambicanos chamados «de cor», sobretudo os mulatos, havia a possibilidade de estudar em Portugal, caso lá tivéssemos parentes. Os portugueses nascidos na Colónia de Moçambique (os chamados «portugueses de 2.ª») tinham a «chance» de ir para o país racista da África do Sul.

Portanto, eu concluí em Lisboa o curso liceal. Lá fui, depois, para uma escola de Artes Decorativas, onde tirei um curso de Desenhador Litógrafo e Pintura Decorativa. Mais tarde, fiz um curso de Pintura na Escola Superior de Belas Artes e aprendi também um pouco de música. Depois da minha formação artística, regressei a Moçambique e ensinei desenho na Escola Comercial, durante dois anos. De 1953 a 1962, fui professora na Escola Técnica «General Machado».

T — **Quando é que iniciou a sua actividade artística?**

B.L. — Comecei as minhas experiências artísticas logo no início da década de 50. Era um momento em que a PIDE intensificava as perseguições aos chamados «elementos subversivos», ou seja aqueles que não pactuavam com o regime salazarista. Por isso tive problemas com a PIDE que começaram quando passei a dar aulas de desenho e tentava fazer algumas peças de teatro, no meu tempo livre, na Associação Africana. Éramos um grupo de artistas, poetas, advogados e outros, nessa altura, que lutávamos, cheios de esperança, e, juntos, nos sentíamos como uma única força. Mas, infelizmente, a pouco e pouco, essa força enfraqueceu-se e, hoje, à distância de quase dezoito anos, desse grupo de intelectuais que, em 1953, se reunia num café ou na casa de um amigo, apenas José Craveirinha, Rui Nogar, Rui Baltazar (hoje Ministro das Finanças), João Ferreira, Ricardo Rangel e também Luís Bernardo, falamos ainda a mesma linguagem.

«Liberdade»

Foto: NAITA USSENE

«Os artistas jovens, aqueles que começam a pintar, não devem ter pressa»

Ainda em relação à actividade artística, fiz seis exposições em Lourenço Marques, de 1953 a 1960, mas foi um período intenso de actividade, em que pintava tudo quanto me impressionasse a fome, o desespero, a humilhação, a pobreza.

T — **Porque é que abandonou o País para viver na Europa?**

B.L. — Eu saí de Moçambique porque, devido às actividades que desenvolvi, como professora, junto às minhas alunas, e na Associação Africana, corria perigos. Sempre que o nosso grupo de amigos se reunia, por exemplo, lá estava a PIDE que conhecíamos, pontualmente, sempre alerta, impaciente. Por isso, em 1963, parto para a Europa, abandonando o meu lugar como professora. Perco as regalias que o sistema colonialista me dava, mas ganho em parte a liberdade que estava a perder. Estive seis meses em Lisboa, onde, por intermédio do dr. Sá Machado, consigo uma bolsa para cerâmica. Sigo para a Itália, em 1964, onde começa um novo período na minha vida artística.

T — **Como caracteriza o seu contacto com a Europa, no campo artístico?**

B.L. — Carlo Levi, escritor, artista, um grande

mem e camarada, foi o primeiro contacto que tive em Roma. Esse amigo e conselheiro apresenta-me grandes artistas italianos, mestres, escritores, etc. Com ele frequento boas galerias, museus, etc. Começo a ler, a informar-me. Começo, então, a trabalhar seriamente e a pôr um pouco de ordem dentro de mim. Pinto com entusiasmo, enamoro-me com as cores de Roma, a intensidade da sua luz. A minha pintura começa a ser quase uma modulação de ritmos e reduzida ao mínimo de termos cromáticos.

T — **Foi um contacto emotivo, romântico, portanto...**

B.L. — Foi, sobretudo, um pouco confuso, de surpresas, mas profundo. Quero ver tudo de arte, quero saber tudo, parece que o tempo não chega. A Itália, principalmente Roma e Florença, penso que deveriam ser uma etapa obrigatória para qualquer artista. Picasso e Jean Couteau foram, juntos, à

«Ansia» (1972)

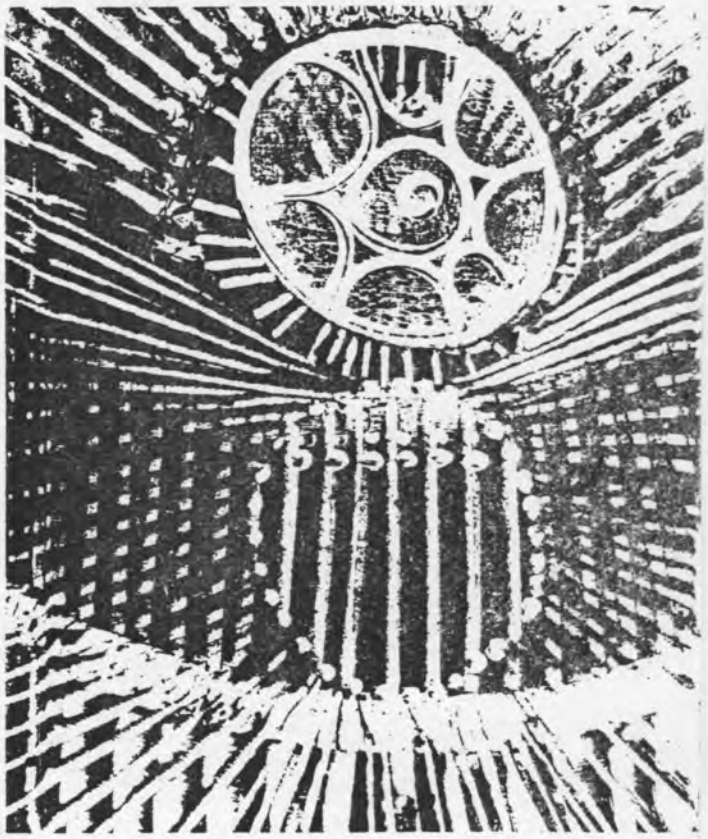
Alguns dos prémios com que já foi distinguida a artista Bertina Lopes:

1. Premio de Pintura «Trullo d'oro» **(para arte figurativa)**
1. Prémio de exposição internacional em Dusseldorf (Alemanha Federal), **em 1974**
1. Prémio de Pintura «Rosa de Prata», do Museio di S. Egidio, **em 1975**
1. Premio de Pintura de Corfu (Grécia) e do Centro Internazional d'arte — Turismo e Cultura Italiana, **em 1975**

Itália, onde se encontram os grandes mestres. É surpreendente tanta maravilha, tanta arte.

T **Sente-se, assim realizada na Itália?**

B.L. — Amo Roma, a sua arte, a sua história, a sua beleza mas sinto nostalgia da minha terra, da minha gente que sofre, daqueles que combatem. Falta-me o sol, a luz, as noites quentes e húmidas de África. Recordo continuamente a Mafalala, com José Craveirinha, os «capitães de areia» do meu país, Mamana Fanisse, os Ndjindjinritana que poisam na árvore que dá sombra à casa de madeira-e-zinco, onde o poeta escrevia e eu lia as suas poesias, fonte da minha inspiração artística. É assim que, em 1970, depois de um duro trabalho, e de ter



«Africa a Crescer»

ganho coragem, faço a minha primeira exposição de pintura em Roma sendo a minha expressão artística, a minha temática, ainda ligada ao Craveirinha, à Noémia de Sousa, como se pode ver pelos quadros: «A cidade de caniço», «Mafalala», «Mamana», «Deixa o meu povo ir», «Grito grande», «Discurso para uma cidade», entre outros.

T — **Qual foi a sua principal actividade artística, durante estes últimos anos?**

B.L. — De 1972 a 78 realizei várias exposições, em diversos países da Europa. De salientar a minha participação na Exposição Quadrienal dos artistas estrangeiros em Itália, em 1977, numa exposição colectiva em Basileia (Suíça), e a realização

Foto: Naíta Ussene

Foto: Naíta Ussene

Durante a sua visita a Moçambique, Bertina Lopes animou um interessante debate sobre a arte moçambicana, promovido pelo Centro Organizativo dos Artistas Plásticos, em Maputo, que contou com a presença de numerosos artistas e amantes de arte

de duas exposições pessoais em Luxemburgo e no Iraque.

T — **O que é que significa esta sua visita a Moçambique?**

B.L. — Já estive em Moçambique, no ano da independência. Desta vez, porém, vim a convite de Sua Excelência o Presidente da República, que me deu a possibilidade de constatar o fantástico processo desta Revolução. Tive a oportunidade de visitar museus e contactar com colegas artistas.

T — **Que observações fez durante as suas visitas?**

B.L. — Visitei vários museus, como o da Revolução e o da Moeda, em Maputo, mas também o chamado Museu Nacional da Arte. Eu penso que este último devia ser tão importante como o é o da Revolução. A política e a cultura caminham juntos e é pena, realmente, que este museu pareça mais uma galeria aberta. Falei com o Director Nacional da Cultura sobre o assunto e vimos quais são os problemas. Sei que já foi um grande sacrifício ter-se conseguido aquele edifício, mas da forma como tem funcionado não devia chamar-se um museu nacional da Arte. No Museu Nacional ninguém toca de qualquer maneira, aí ficam as obras mais representativas, e os artistas devem amá-lo como à sua própria casa. É numa galeria nacional onde todos fazem as suas exposições, não no Museu.

Tive também, como disse, contactos com colegas artistas. Além de alguma falta de estruturas de que se ressentem, eu verifiquei que os artistas, neste caso, os artistas plásticos, quer em Maputo, quer nas províncias de Cabo Delgado, Nampula e Sofala, que visitei, não estão organizados, lutam com falta de material, não têm contactos uns com os outros. Vi também — e é muito triste — que os artistas de um modo geral se interessam unicamente em produzir rapidamente e vender. Desaparece o amor pela arte, a seriedade, para dar lugar ao comércio. Devia por-se fim a esta prática que começa a ser um escândalo. E é pena porque, por este passo, a Arte Maconde, uma arte das mais interessantes, mais antigas, que se conhecem, desaparecerá. O nível artístico é muito baixo, não só pela carência de materiais, mas pelo pouco interesse na qualidade.

Por outro lado os artistas novos, que começam, não possuem nenhuma preparação de base. A maior parte deles nunca desenhou, não sabe desenhar, e, ao contrário do que pensam a um artista é indispensável o desenho plástico, como a um músico, saber ler as notas.

T — **Acha que faz falta uma escola superior de Belas Artes?**

B.L. — Com certeza que sim. Mas, antes de uma escola superior, era preciso que todos quantos quisessem pintar encarassem o problema seriamente, porque ser artista não é assim tão fácil como quem aprende a andar de bicicleta. Eu já não digo que faça falta uma escola superior de Belas Artes, mas uma escola preparatória de arte, digamos que dê uma preparação a nível da base.

T — **O que aconselharia aos artistas moçambicanos?**

B.L. — Com os anos de experiência que tenho, de luta e de paciência, no campo artístico, digo aos artistas mais jovens os que estão agora a começar a pintar que não tenham pressa, que devem ser modestos, não tenham medo de ouvir o que aqueles com mais experiência como o Malangatana, o Chichorro, o Mankeu, o Craveirinha (que são aqueles que eu conheço mais directamente) possam dizer dos seus trabalhos. A crítica quando é válida, é sempre construtiva.

T — **Tenciona participar no desenvolvimento da arte em Moçambique**

B.L. — Infelizmente devo partir, dentro de dias, para a Itália. Mas penso voltar aqui no próximo ano e permanecer uns seis meses. Irei realizar nessa altura, uma grande exposição das minhas obras desde o tempo colonial, como um facto cultural e para angariar fundos para apoio às actividades artísticas. Dentro de dois anos, regressarei definitivamente ao meu país, pois sinto-me na obrigação de participar, como artista, neste processo da Revolução. □